

# O Cerrado está na mesa

Categories : [Colunistas Convidados](#)

Um mar de campos até onde a vista alcança. Aqui e lá, uma árvore rompe a linha da vegetação baixa, timidamente se retorcendo para fora da terra, como quem não está certa do seu lugar no mundo. Não chove há 3 meses, e o verde da grama se mescla com amarelos de uma vegetação dourando ao sol. Ali, de repente, surge um veado assustado de trás de uma moita, saltando até sumir de vista. Um sabiá chama ao sol nascente, ao que se houve uma, duas, três respostas. A conversa denuncia os galhos de onde sai canto. Apertando os olhos se vê, pequeno, castanho-burro-quando-foge, com peito como se sujo de barro, o sabiazinho laranjeira (*Turdus rufiventris*) crescendo e murchando a cada psiu.

Aí surge outro som. Meio surdo, lá longe, mal se nota. Aos poucos cresce, e a cantoria da manhã é abafada pelo som crescente de motor. Som que treme, e junto treme a terra toda. Baque surdo de árvore morta levantando a terra vermelha do cerrado. Madeira boa, vai virar cerca. Os sabiás são assustados pra distante. Pássaros voando, árvores no chão. Os caminhões levam os troncos para longe, e o resto queima. Fogo lambe mato, lambe grama, lambe flor, erva, arbusto, toco de árvore que não arvoreia mais. Foge o tatu, uiva o lobo-guarda. Lagartos se entocam debaixo da terra, com as formigas, sem suspeitar que daquele fogo não há como escapar. Não há chuva que molhe aquelas cinzas, não há raiz que rebrote e dê flor.

“E as máquinas chegam. Varrem o solo de sementes, cobrem tudo de um verde intenso, brilhante. Não é verde de cerrado não senhor”.

E as máquinas chegam. Varrem o solo de sementes, cobrem tudo de um verde intenso, brilhante. Não é verde de cerrado não senhor. É um verde só, que cobre o vermelho da terra, nem mais se percebe a terra. É terra pobre de cerrado, terra velha, lavada por milênios sem conta, mas nisso dá-se um jeito. Joga um pó aqui, um líquido lá, uns vapores vêm de avião. A terra pobre agora enche os celeiros de toneladas e toneladas de grão. Mas os celeiros não são destino, são só passagem. As fileiras sem fim de vagões do trem levam os grãos pra todos os cantos, para as fábricas, pros portos, pros navios, pros sete mares, pros porcos da China, pros bois da Europa. Pros bois do Cerrado.

Os olhos brilhantes da vaca, adorável ar estúpido de bicho preso, que dá filhote, que dá leite, que dá o corpo. Olhos vidrados no além. O céu azul do cerrado reflete nos olhos que não servem mais para ver. E não veem as outras vacas, a fila incontável de vacas, não veem a ração, não veem a fábrica de onde sai ração e entra soja. Não veem os cortes na bandeja de isopor no supermercado.

O menino, distraído com as cores nas prateleiras, responde com os ombros quando a mãe pergunta, passando os olhos pelo freezer do mercado: “quer carne ou frango pra janta hoje, filho?”. As batatas perdem as cascas, expondo a umidade escorregadia da sua carne pálida. Cebolas em rodelas. Bifes assando na frigideira. “Tá na mesa!”. O Cerrado tá na mesa.

Hoje, quase metade do Cerrado [já foi convertido](#) em [agricultura e pasto](#). De toda a produção de soja do Brasil, mais de [63% vem do Cerrado](#). Essa soja é separada em óleo e resíduo. O óleo é em grande parte destinado à indústria alimentícia para o preparo de praticamente qualquer alimento industrializado, e pequena parte dele vira biodiesel. De todo resíduo, que compõe 79% da massa de soja produzida, 98% vira ração para alimentar animais, [no Brasil e no mundo](#). O Brasil é o maior produtor de carne de boi do mundo, e o Cerrado [concentra 55% dessa produção](#). Em nome das espécies que habitam o Cerrado, reduza seu consumo de carne.

## **Leia Também**

<http://www.oeco.org.br/colunas/colunistas-convidados/cerrado-dores-e-amores-aos-65-milhoes-de-anos/>

<http://www.oeco.org.br/colunas/reuber-brandao/28629-existe-futuro-politico-para-o-cerrado/>

<http://www.oeco.org.br/reportagens/20309-a-amazonia-esta-virando-bife/>